



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA



DEPARTAMENTO DE MEDICINA PREVENTIVA E SOCIAL

ALEF AMORIM MONIZ

MEDB92: História da Medicina

Prof^o. Ronaldo Jacobina Ribeiro

Salvador

2018

ALEF AMORIM MONIZ

**ROBERTO FIGUEIRA SANTOS: HOMEM DA SAÚDE, POLÍTICA,
EDUCAÇÃO E ENSINO.**

Trabalho acadêmico apresentado à Faculdade de Medicina da Bahia, Departamento de Medicina Preventiva e Social da Universidade Federal da Bahia, como parte da avaliação do componente curricular “**MEDB92: História da Medicina**”.

Prof^o. Ronaldo Jacobina Ribeiro

Salvador

2018

ROBERTO FIGUEIRA SANTOS: HOMEM DA SAÚDE, POLÍTICA, EDUCAÇÃO E ENSINO.

Roberto Figueira Santos nasceu em Salvador, Bahia, na conhecida Avenida Sete de Setembro, no dia 15 de setembro de 1926. Filho de Carmen Figueira Santos e Edgard Rego Santos, este último também médico que deixou seu nome marcado na história da medicina baiana como reitor de prestígio na Universidade Federal da Bahia e grande cirurgião. Roberto Santos cresceu em um ambiente familiar, cercado de tios, avós, bisavós, primos entre outros parentes que moravam próximos uns dos outros na Avenida Oceânica, na rua que na época se chamava Rua da União e que depois passou a se chamar Rua Dias d'Ávila (SANTOS, 1993) Anexo (A).

Santos (1993) conta que sua alfabetização contou com a orientação de sua bisavó materna Maria Cândida que, na época, possuía oitenta anos, enquanto ele tinha apenas quatro. Além disso, a inteligência de sua mãe Carmen foi um dos privilégios para sua formação primária - que se deu em grande parte em casa, uma vez que a legislação da época permitia que o ensino escolar acontecesse em regimento domiciliar- e secundária, assim como a cultural, tendo em vista que suas atividades escolares eram assiduamente acompanhadas por sua mãe, mulher que recebera da escola onde estudou, diploma que lhe conferia permissão para lecionar francês até mesmo na França. Santos (1993, p.54) relata que sua mãe tinha “nível cultural bem maior que o das majorias das moças do seu convívio social, na Bahia da época”.

Outra parte de seu ensino se deu através da dona Hilda Cardoso Albuquerque, que Santos (1993, p. 54) considerava como uma “extraordinária professora” e foi a responsável por ensiná-lo, entre os anos de 1932 e 1936, conteúdos matemáticos, da língua portuguesa, geográficos e outros. Ainda em 1935, quando tinha nove anos, Roberto passou alguns meses estudando no Colégio Alemão da Bahia e em 1936, foi matriculado no Colégio Antônio Vieira, ambiente que cursaria as séries subsequentes (SANTOS, 1993, p.56).

O colégio Antônio Vieira tinha como costume, ao final do ano letivo, distribuir medalhas para os alunos de melhor desempenho em cada disciplina e Santos sempre esteve entre os alunos destaques. Ele era muito inteligente, costumava ler quantidades significativas de livros, adorava as competições entre seus colegas de classe. A curiosidade movia seus

pensamentos e o desafiava a conhecer um pouco de cada área do saber: matemática, português, história etc. Na área da música, ele aprendeu a tocar piano e apreciar as músicas orquestrais que se tornou uma de suas paixões. Ao final de seu ciclo escolar, aos 17 anos, o futuro Médico proferia o primeiro discurso de sua vida como orador da turma (SANTOS, 1993).

Em 1945, Roberto Santos foi aprovado no vestibular com as maiores notas dentre todos os candidatos e, passou a estudar medicina na Faculdade de Medicina da Bahia (FMB). Os anos iniciais na faculdade foram decepcionantes com a escola médica e o sistema de formação, que não possuía métodos e conteúdos atualizados e impedia que o aluno fosse também um participante efetivo na construção do aprendizado. Diante disso, o mais novo aluno do ensino superior chegara à conclusão que o ambiente da FMB pouco se diferenciava “do rígido esquema de formação jesuítica que eu havia frequentado na escola secundária” (SANTOS, 1993, p. 60).

Roberto Santos continuou com sua insatisfação com o ensino universitário. Nesse momento, em 1949, os alunos começaram a dividir-se entre a faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus e o Hospital das Clínicas no Vale do Canela. A primeira instituição destoava da segunda, uma vez que o mais novo hospital utilizado para o ensino da clínica era bem equipado, mais avançado em técnicas e equipamento, enquanto que o ensino da pré-clínica, no Terreiro de Jesus, continuava sem grandes mudanças que pudessem munir os alunos dos avanços já existentes na época em relação à clínica médica. Na FMB os equipamentos eram escassos e obsoletos, a falta de dedicação exclusiva dos professores ao ensino prejudicava os alunos da época, já que os docentes para complementar suas rendas se dividiam entre os consultórios particulares e o ensino na faculdade de medicina, o que não raramente era deixado de lado pelos educadores. Tal desleixo dos docentes com o ensino criava um abismo entre o aprendizado teórico da pré-clínica e a prática da clínica médica (SANTOS, 1993).

Roberto Santos se graduou no final do ano de 1949, e, alguns meses após sua formatura pela Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia (FMB) recebeu uma bolsa de pós-graduação da Fundação W.K. Kellogg (Will Keith Kellogg). O representante da organização visitou a Bahia em 1948, com o objetivo de oferecer bolsas para futuros professores de medicina. Roberto Santos, ainda como estudante de medicina, fora

entrevistado duas vezes em 1948 e no ano de sua formatura, em 1949, recebendo a bolsa da instituição para a pós-graduação nos Estados Unidos da América (EUA) (SANTOS, 1993).

Uma questão importante a se destacar era o estreitamento das relações do Brasil com os EUA logo após a segunda guerra mundial. A medicina na Bahia estava ligada nos seus primórdios à medicina da Europa, principalmente da França. No entanto, a Europa passava por processo de reconstrução pós-guerra no final da década de 40 do século XX, o que gerou uma crise financeira no continente. Diante disso, os EUA, país que fazia parte do grupo vencedor da guerra, passou a assumir o papel de líder mundial, o que, aos poucos, proporcionou uma aproximação da nação brasileira à nação norte-americana (SANTOS, 1993).

Essa proximidade entre os países foi crucial para que o Brasil recebesse investimento dos EUA. Então, em 1950, o recém-graduado médico viajou para os EUA, em razão da bolsa da fundação estadunidense onde, durante três anos, fez parte do cotidiano dos Hospitais das Universidades de Cornell (Nova York), Michigan (Ann Arbor) e Harvard (Boston). Durante o período de 1950 a 1953, Roberto Santos concluiu sua especialização em Clínica Médica, além de participar de pesquisas sobre o metabolismo hidromineral no Massachusetts General Hospital, sob comando e orientação do Dr. Alexander Leaf, seu orientador, e na Enfermaria de Metabolismo, na Escola De Medicina Da Universidade De Harvard. Essas experiências auxiliaram na elaboração da sua tese doutoral que foi defendida, posteriormente, em 1953, no Brasil (SANTOS, 1953; SANTOS, 2005).

Logo após voltar ao Brasil, o doutor Roberto Santos quebrou a expectativa de sua família que acreditava que quando ele voltasse à Bahia abriria um consultório particular que seria um sucesso e lhe garantiria boa rentabilidade. No entanto, o médico preferiu trabalhar no Hospital das Clínicas que o permitia acompanhar casos médicos mais complexos. Houve até uma tentativa de associação a uma clínica, porém o desejo de alcançar sucesso na carreira acadêmica sucumbiu a qualquer outro plano que não fosse à vida universitária. Assim sendo, o doutor passou a dedicar-se exclusivamente ao Hospital Universitário entre o ambulatório, a enfermagem e o laboratório de pesquisa onde o doutor teve a oportunidade de criar suas três teses de doutorado de livre docência e de professor catedrático. Uma vez trabalhando no Hospital Universitário, Roberto Santos conseguiu instalar um laboratório de pesquisa clínico experimental para estudar o metabolismo hidromineral, dando continuidade aos trabalhos que havia realizado nos EUA (SANTOS, 1993).

A tese do professor Roberto Figueira Santos, que o possibilitou se tornar doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas em 1953, contemplou o tema *Da ação de “receptores de volume” na excreção urinária de sódio e água no homem*, em que o autor procurou elucidar através da própria experiência uma “provável existência de receptores de volume” e sua influência no controle da diurese de água e sódio” (SANTOS, 1953, f.1). Consoante Santos (1953, f.1), a expressão “receptores de volume” seria “aplicada a estruturas de natureza e localização ainda não precisadas que seriam sensíveis ao estímulo de variações no volume do conteúdo líquido do organismo, determinando alterações na excreção de água e sódio, para efeito de correção dos desvios da normalidade”. A tese foi aprovada com nota máxima e repercutiu entre os profissionais da Medicina Clínica (SANTOS, 1993) Anexo(B).

A tese que o habilitou para a livre docência da Clínica Propedêutica Médica da Universidade da Bahia tivera como tema: *A prova de tolerância à água nas hepatopatias crônicas*, o trabalho objetivava elucidar assuntos referentes ao mecanismo de retenção de água e sódio pelos portadores das afecções hepáticas, para isso o doutor realizou uma revisão de literatura, bem como experimentação no laboratório que pudesse subsidiar sua tese (SANTOS, 1954; SANTOS, 1993) Anexo (C).

O laboratório foi adquirindo maior notoriedade e melhor infraestrutura, principalmente, pela colaboração financeira das instituições Rockefeller e Kellogg. Assim, alguns médicos baianos recém-formados foram sendo recrutados para participar das pesquisas e ganharam bolsas para estudar no exterior, ao voltarem ao Brasil, foram montando outros laboratórios especializados e assim, se formou o Núcleo de Medicina Experimental (Numex), no Hospital das Clínicas. Os avanços na clínica médica, na década de 50, no diagnóstico, nas discussões a respeito de casos complexos e suas respectivas resoluções, foram para o Dr. Roberto Santos a “fase áurea do ensino médico na Bahia” (SANTOS, 1993, p. 113).

Roberto Santos alcançou o grau de doutor e também conseguiu passar no concurso de docência livre da universidade, quando se candidatou para uma bolsa de pesquisa a ser realizada na Universidade de Cambridge, no Departamento de Medicina Experimental. A bolsa foi custeada pelo prof. Carlos Chagas Filho que, consoante Roberto Santos, era grande incentivador da pesquisa no Brasil. Diante disso, em setembro de 1954, o doutor Roberto Santos viajou para a Inglaterra, onde se debruçou sobre “um ensaio biológico para a dosagem

de insulina plasmática” que o rendeu nome em uma publicação na revista Nature (SANTOS, 1993, p.118).

Sempre admirador de orquestras, o doutor aproveitou sua viagem para ir aos concertos, aos museus, aos teatros e aos cinemas. O mesmo apreciou também os programas da rádio BBC, e visitou outros países como França, Noruega, Suécia, Dinamarca, Holanda, sempre admirando e aprendendo sobre a cultura de cada país, bem como o funcionamento de hospitais e universidades dos Estados visitados. Após encerrar seus estudos na Inglaterra, o doutor voltou ao Brasil e ao seu laboratório no Hospital das Clínicas em abril de 1955 (SANTOS, 1993).

Ao chegar ao Brasil, Roberto Santos escreveu sua tese de concurso que foi defendida em 1956, com a intenção de se tornar professor catedrático de Clínica Médica na Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia. O Trabalho tinha como tema *Da regulação renal e tecidual do equilíbrio ácido – básico* e fora realizado na Clínica Propedêutica Médica, clínica essa dirigida pelo Prof. Dr. Augusto Mascarenhas, e no laboratório Central do Hospital das Clínicas da Universidade da Bahia. O trabalho foi assistido, em parte, pelo Conselho Nacional de Pesquisas. (SANTOS, 1956; SANTOS, 1993) Anexo (D).

A tese de concurso de Roberto Figueira Santos foi dividida em duas partes. A primeira *Da regulação renal do equilíbrio ácido-básico* era dedicada à revisão de literatura sobre excreção de ácido titulável, excreção de bicarbonato, excreção de potássio, excreção de amônia e as contribuições pessoais do autor com os materiais e métodos, resultados, discussão e conclusão sobre a pesquisa realizada. A segunda parte do trabalho voltado para o tema *Da regulação tecidual do equilíbrio ácido-básico* foi dividida na revisão de literatura, assim como as contribuições pessoais: introdução, material e métodos, resultados, discussão, conclusão e por fim a bibliografia utilizada para subsidiar a construção da tese. (SANTOS, 1956) Anexo(E).

Roberto Santos foi aprovado e se tornou professor catedrático aos 30 anos de idade, assumindo a 2ª cadeira da Clínica Médica da Universidade da Bahia, o que para o professor foi a realização do maior desejo de sua vida. Após sua conquista, Roberto Santos recebeu da fundação W. K. Kellogg, a mesma que havia lhe concedido bolsa para a pós-graduação, um auxílio financeiro para a instalação do programa de residência médica na FMB, o programa mais antigo do Norte-Nordeste do Brasil e um dos primeiros do Brasil (SANTOS, 1993).

Anos se passaram e a pesquisa sobre hidromineral passou a ter muita visibilidade, aumentando assim a concorrência entre os pesquisadores. À vista disso, em setembro de 1959, o professor doutor viajou para a Alemanha, após receber bolsa do Akademische Austausch Dienst, no período das férias, para trabalhar no Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo. Ele tinha o objetivo de estudar as doenças tropicais em um centro de referência, mudando, assim, sua linha de pesquisa sobre hidrominerais. Entretanto, com o tempo curto, decidiu mudar todo seu planejamento e passou a estudar o modelo universitário alemão: pós-graduação, carreira docente, governo universitário etc. Além disso, como de costume em suas viagens, apreciou a arte e cultura germânica (SANTOS, 1993).

De volta ao Brasil, o professor começou a trabalhar na organização do ensino da Clínica Médica. Após anos de conversa com professores que compartilhavam de ideais semelhantes a respeito da necessidade de organização do ensino da Clínica Médica no Brasil, Santos organizou, em 1961, a I Conferência sobre o ensino da Clínica Médica no Hospital das Clínicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nesta conferência teve como principal tema a organização do curso médico, carga horária, disciplinas, internato do último ano etc. (SANTOS, 1993).

Concomitante a isso, o professor foi convidado, pelo reitor da época, seu pai: Edgard Santos, a lecionar a disciplina Patologia da Nutrição para a primeira turma da Escola de Nutrição. Foi nessas aulas que Roberto Santos se apaixonou pela aluna Maria Amélia com quem se casou posteriormente e tiveram juntos seis filhos: Anneliese, Cristiana, Edgard, Maria Carmen, Roberto e Patrícia. (SANTOS, 1993).

Nesse mesmo período, o catedrático se deparou com as mudanças propostas pelo então governo de Juscelino Kubitschek e as reformas previstas pelo Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro para a nova universidade em Brasília, que daria prioridade, primeiro, as instalações das ciências básicas: matemática, química, física, biologia, ciência humanas e deixaria as profissionalizantes para depois. Seu pai Edgard Santos o aconselhou a mudar-se para Brasília, uma vez que Roberto acreditava nas ideias propostas pelo novo governo. Todavia, Roberto Santos havia aceitado outra bolsa destinada aos ex-alunos da Fundação W. K. Kellogg que tinham se destacado na vida acadêmica. Assim sendo, viajou aos EUA, em Outubro de 1961, para o Laboratório de Metabolismo Hidromineral do Massachusetts General Hospital, em Boston, dirigido pelo prof. Alexander Leaf, o mesmo laboratório que tinha frequentado há dez anos (SANTOS, 1993; SANTOS, 2008).

Já nos EUA, o Dr. Santos continuou os estudos sobre “os níveis sanguíneos do hormônio antidiurético em portadores de afecção hepática” (SANTOS, 1993, p.140). Mesmo assunto que tratou o professor na defesa de sua tese para livre docência. Durante suas pesquisas, a fim de aprofundar seu conhecimento, Roberto Santos recebeu a notícia sobre o encantamento/morte de seu pai e também Doutor Edgard Santos, em 1962, o que fez com que ele voltasse ao Brasil, interrompendo provisoriamente seus estudos (SANTOS, 1993; SANTOS, 2008).

Ao chegar ao Brasil, o corpo de Edgard Santos já havia sido sepultado, restando a Roberto Santos consolar sua mãe e irmãos. Quinze dias após sua chegada ao Brasil, Roberto Santos decidiu retornar aos EUA e concluir sua pesquisa que pouco rendeu após o acontecimento trágico da morte de seu pai. Em razão disso, não houve sequer uma publicação sobre o trabalho desenvolvido pelo doutor na época. (SANTOS, 1993; SANTOS, 2008).

A convite do então reitor da UFBA, no período, Miguel Calmon, Roberto Santos assumiu seu primeiro cargo fora da área médica em 1964. O professor passou a dirigir o Departamento Cultural da Reitoria, órgão que, na época, era responsável por atualizar o ensino, pesquisa científica e tecnológica, bem como formação dos pesquisadores universitários, conforme a necessidade da sociedade. Concomitante, foi nomeado a membro do Conselho Federal de Educação (CFE), órgão que chegou a presidir posteriormente e, conviveu com educadores como Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, responsáveis pelo novo modelo de ensino da universidade em Brasília. O CFE passou a se chamar anos depois Conselho Nacional da Educação (CNE) (SANTOS, 2008; SANTOS, 2005).

Em 1965, Roberto Santos viajou novamente aos EUA com a sua esposa Maria Amélia a convite da Fundação Kellogg para conhecer os maiores departamentos de medicina preventiva estadunidense. Nessa viagem, ele visitou a Faculdades de Medicina e de Saúde Pública de Harvard, o programa de Medicina Preventiva das Universidades de Yale, Johns Hopkins, Duke (Carolina do Norte), Kentucky, Case-Western Reserve (em Cleveland, Ohio), Colorado, Califórnia, (UCLA, Los Angeles) e Stanford (Palo Alto, San Francisco) e recebeu da Universidade de Cornell, Nova York, título de professor visitante (SANTOS, 2008).

Com toda essa bagagem adquirida, o doutor passou a se debruçar sobre a organização do ensino superior no Brasil, o que levou o catedrático a participar da reforma universitária

que tinha como objetivo a priorização das ciências básicas, que na sua visão, seria “essencial para o estímulo às pesquisas nas universidades” (SANTOS, 2008, p.18).

Devido às suas pesquisas e interesse na reforma curricular no ensino da medicina, Roberto Santos foi convidado a coordenar a Comissão de Ensino Médico do Ministério da Educação e presidir a Associação Brasileira de Escolas de Medicina em 1966-1968. Suas práticas voltadas ao ensino médico lhe renderam o título de “Perito na Formação de Recursos Humanos para a Saúde” dada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e no final da década de 60, passou a presidir, durante dois anos, a Associação Brasileira de Educação Médica. O trabalho realizado frente a essas instituições o levou a palestrar e participar de inúmeros debates na Federação Pan-Americana de Associações de Escola Médica viajando com sua esposa, Maria Amélia, por vários países do continente americano (SANTOS, 2008).

Em 1967, Santos assumiu seu primeiro cargo na conjuntura estadual como Secretário de Saúde do Estado da Bahia. Antes desse acontecimento, Roberto Santos e sua família residiram por um período no Rio de Janeiro com o objetivo de montar um programa de Medicina Social destinado aos alunos do 2º ano médico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O interesse da UFRJ em implantar tal projeto se deu após a boa repercussão do trabalho realizado por Santos na cidade de Salvador, no bairro do Nordeste de Amaralina, em que os alunos da Faculdade de Medicina da Bahia faziam uma espécie de estágio no bairro, ampliando seus saberes práticos à conjuntura social. Diante disso, o professor foi ao Rio de Janeiro e realizou a implantação do programa. Ao concluir seu objetivo, ele recebeu o título de professor visitante da UFRJ e em seguida, aceitou o convite do governador da Bahia, Luiz Viana Filho, para assumir a Secretaria. Embora tenha se preparado para assumir o cargo, o doutor passou apenas três meses na posição de secretário, uma vez que fora nomeado reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (SANTOS, 2008; SANTOS, 2005).

Como reitor da UFBA- 1967 a 1971- providenciou fazer imediatamente as reformas aprovadas nos decretos-leis 53/66, sobre as bases conceituais da nova organização universitária, e 252/67 que elucidou os termos operacionais contidos no documento anterior. Essas normas seguiram recomendações do Conselho Federal de Educação, instituição da qual o reitor fazia parte, e teciam, principalmente, a obrigatoriedade do ensino e pesquisa nas instituições de ensino superior, assim como contratação de professores pesquisadores e a união dos materiais, recursos humanos e financeiros de cada departamento em uma única unidade (SANTOS, 2008; SANTOS, 2005).

Roberto Santos com o financiamento do Banco Internacional de Desenvolvimento (BID) contratou, na época, professores-pesquisadores de outros países, cuidou da construção dos institutos de matemática, física, química e geociências, com laboratórios equipados para o desenvolvimento da pesquisa e deu início à construção do instituto de biologia, que não chegou a ficar pronto no seu mandato de reitor. Também em seu encargo, instalou o Instituto de Ciências da Saúde, Odontologia, Farmácia e das Escolas de Enfermagem e Nutrição, além da criação da Faculdade de Educação. Nesse período, as Escolas de Agronomia e Veterinária passaram do domínio do estado para o domínio da UFBA. Além disso, a Escola de Belas Artes foi transferida do Centro Histórico de Salvador para o bairro do Canela (SANTOS, 2008; SANTOS, 2005).

Todas as alterações realizadas contribuíram para que o número de alunos na universidade duplicasse de 5.000 para 11.000, além da estrutura física da universidade, que cresceu mais de 30.000 m². Intensificaram-se os contatos com entidades financiadoras como Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) que posteriormente passou a ser Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Fundações: Kellogg, Rockefeller, Ford entre outras, o que colaborou para programas de extensão. O reitor também criou os primeiros mestrados em matemática, química, ciências sociais, educação e instituiu o vestibular unificado para a universidade (SANTOS, 2008; SANTOS, 2005).

Em 1971, o mandato de reitor chegou ao fim e Santos foi eleito presidente do Conselho Federal de Educação, mudando-se para Brasília, onde passou quatro anos à frente da instituição até que em 1975 foi eleito, Governador do Estado da Bahia, pela Assembléia Legislativa (SANTOS, 2008).

Desde 1964, o Brasil vivia um período de instabilidade política. O presidente da época, João Goulart, foi expulso do cargo, no que ficou conhecido por um “Golpe civil militar”, o que levou a assumir a presidência do Brasil o marechal Humberto Castelo Branco do partido ARENA (LARA & SILVA, 2015). É sabido que o governo militar durou de 1964 a 1985.

Santos, então, se torna governador da Bahia, no período do regime militar, também pelo partido ARENA. No ano de 1975, o presidente do Brasil era Ernesto Geisel, afiliado ao mesmo partido e responsável pela indicação de Roberto Santos ao governo do estado. Em

entrevista dada ao jornal eletrônico Bahia.ba, quando perguntado sobre sua relação com o governo militar, Roberto Santos respondeu que “não tinha nada contra, nem a favor dos militares” (SILVA, 2017, n.p). Nessa mesma entrevista, ao ser perguntado sobre alguma provável interferência/restrrição do governo militar na sua administração no estado da Bahia, Santos respondeu que não sofreu basicamente nenhuma restrição (SILVA, 2017).

Diante da indicação ao governo da Bahia pelo militar Ernesto Geisel, assim como a não interferência deste na sua administração, é possível inferir que a relação entre Roberto Santos e o governo militar era, minimamente, próxima, respeitosa e colaborativa. Roberto Santos afirma que “do ponto de vista político, o Estado viveu um período de relativa tranquilidade, durante não se conheceram perseguições nem foram estimuladas radicalizações (...)” (SANTOS, 2008, p. 29).

Nos quatro anos à frente do governo da Bahia, Roberto Santos trabalhou na intenção de amenizar os problemas sociais da população carente, de desenvolver o interior do Estado e implantar o polo petroquímico da cidade de Camaçari. Na inauguração da indústria do polo petroquímico, em 1978, o presidente Ernesto Geisel veio à Bahia e participou da cerimônia inaugural ao lado do governador do estado. No campo educacional, criou 19 escolas de segundo grau, o Centro de Ensino Tecnológico (CENTEC) em Simões Filho, o Museu de Ciências e Tecnologias no Parque de Pituacu em Salvador. Além de conseguir autorização para o funcionamento da Universidade Estadual de Feira de Santana (SANTOS, 2008).

Na área da saúde criou a rede integrada da saúde do estado, criou 300 postos e centros de saúde, 19 unidades mistas destinadas a atender a região. Em Salvador, implantou um hospital de elevado nível técnico que a Assembleia Legislativa deu o nome de Hospital Roberto Santos em homenagem ao governador (SANTOS, 2008). Anteriormente, o senador Lourival Batista, após o encantamento/morte do Dr. Edgard Santos, em 1962, tinha apresentado projeto de lei para nomear o Hospital das Clínicas como Hospital Professor Edgard Santos, o projeto foi aprovado pelo Congresso Nacional. Assim sendo, pai e filho, Edgard Santos e Roberto Santos foram homenageados e dão, atualmente, nome a dois hospitais no Estado da Bahia (SANTOS, 1993; SANTOS, 2005).

Ainda como governador, Roberto Santos foi responsável pela construção do Centro de Convenções de Salvador, que aqueceu o turismo na cidade, uma vez que vários eventos nacionais e internacionais foram realizados no edifício (SANTOS, 2008). Programas

habitacionais também fizeram parte do seu plano de governo, foram criados três grandes bairros: Mussurunga, Narandiba e Cajazeiras. Também foram criados programas de abastecimento de água para as regiões metropolitanas e o interior de estado, construções de barragens como a da Pedra do Cavalo e Santa Helena e expansão no fornecimento de energia elétrica em Salvador e interior. (SANTOS, 2008).

Roberto Santos implantou o parque metropolitano de Pituvaçu, o estádio de futebol Octávio Mangabeira (antiga Fonte Nova), o parque de exposições-pecuárias de Salvador entre outras realizações no governo que datou de 1975 a 1979. Em 1982, ele se candidatou a governador novamente, no entanto, perdeu as eleições para João Durval Carneiro, o que para ele foi um “pleito que deixou claras marcas de fraude, tanto na votação quanto na apuração” (SANTOS, 2008, p. 30).

Posteriormente, já no governo de Sarney, o doutor assumiu o cargo de presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e mais tarde o Ministério da Saúde. Nesse mesmo governo, ao deixar o ministério, foi nomeado, pelo presidente, representante do Brasil no Conselho Diretor da Organização Mundial da Saúde (SANTOS, 2008).

Em 1990, o Dr. Roberto Santos candidatou-se mais uma vez ao governo da Bahia, perdendo as eleições para Antônio Carlos Magalhães. A derrota levou-lhe à conclusão que a “fraude eleitoral continuava a predominar entre as práticas políticas autoritárias (...)” (SANTOS, 2008, p. 31).

Em 1994, foi eleito pela Bahia deputado federal, mandato único, já que o professor encontrou na vida do poder legislativo aspectos que o desmotivou quanto à possível renovação do mandato. Ao encerrar seu mandato, o professor tinha 72 anos e decidiu se dedicar a vida familiar e as atividades por ele consideradas mais prazerosas (SANTOS, 2008).

Roberto Santos ocupa hoje a cadeira de número 26 na academia de letras da Bahia, cujo patrono é o Dr. Antônio de Macedo Costa (CASTRO, 1994). O professor também ocupa a cadeira de número 26 na Academia Baiana de Educação, cujo patrono foi Júlio Afrânio Peixoto. Além dessas cadeiras, o doutor ocupa a cadeira de número 9 na Academia de Medicina da Bahia, cujo patrono foi o professor de patologia na FMB Antônio Luiz Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto (SANTOS, 2005).

Médico, cientista, professor, secretário de saúde, reitor da Universidade Federal da Bahia, governador, ministro da saúde, deputado federal, dentre outras atribuições fez e faz de Roberto Santos uma figura ilustre e importantíssima para a educação, política e a medicina na Bahia e no Brasil. Sua carreira, segundo seu currículo lattes, conta com mais de 40 publicações, 11 livros, dentre eles, os que foram base na construção do atual trabalho: *Vidas Paralelas, Na Bahia das últimas décadas do século XX, Reflexão sobre temas da atualidade*. Além de participar de incontáveis mesas redondas, palestras, entrevistas entre outras atividades. A biografia do prof. Dr. pode ser encontrada em alguns dos seus livros, dentre eles, os supracitados, no Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia - instituição a qual Roberto entregou todo seu acervo pessoal - bem como nas bibliotecas da UFBA.

Roberto Figueira Santos ainda é vivo, atualmente tem 92 anos e em entrevista recente, quando perguntado como queria ser lembrado, respondeu que queria ser recordado como alguém que priorizou a educação e a prevenção da saúde, temas pelo qual ele dedicou boa parte da sua vida (SILVA, 2017).

REFERÊNCIAS

CASTRO, Renato Berbert de. **Breviário da Academia de Letras da Bahia**. 2. ed. , atual. e aum. – Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1994.

LARA, Ricardo. SILVA, Mauri Antônio da. **A ditadura civil-militar de 1964: os impactos de longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil**. *Serv. Soc. Soc.* [online]. 2015, n.122, pp.275-293. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n122/0101-6628-sssoc-122-0275.pdf>>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

SANTOS, Roberto Figueira. **A prova da tolerância à água nas hepatopatias crônicas**. 1954. 100p. Tese (Concurso). Universidade da Bahia, Faculdade de Medicina, Salvador. 1954.

SANTOS, Roberto Figueira. **Da ação de “receptores de volume” na excreção urinária de sódio e água no homem.** 1953. 61 f. Tese (Ciência Médico-Cirúrgica) – Universidade da Bahia, Faculdade de Medicina, Salvador, 1953.

SANTOS, Roberto Figueira. **Da regulação renal e tecidual do equilíbrio ácido – básico.** 1956. 174 p. Tese (Concurso) – Universidade da Bahia, Faculdade de Medicina, Salvador, 1953.

SANTOS, Roberto Figueira. **Na Bahia das últimas décadas do século XX/ Um depoimento crítico.** Salvador: EDUFBA, 2008. 260 p.

SANTOS, Roberto Figueira. **Reflexão sobre temas da atualidade.** Salvador: EDUFBA, 2005. 300 p.

SANTOS, Roberto Figueira. **Vidas paralelas.** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1993. 160 p.

SILVA, Daniel Rodrigo. **‘Não tinha nada contra nem a favor dos militares’, diz Roberto Santos.** Bahia.ba, Salvador, 15 maio. 2017. Entrevistas. Disponível em: <<http://bahia.ba/entrevista/nao-tinha-nada-contra-nem-a-favor-dos-militares-diz-roberto-santos/>>. Acesso em 27 de novembro de 2018.

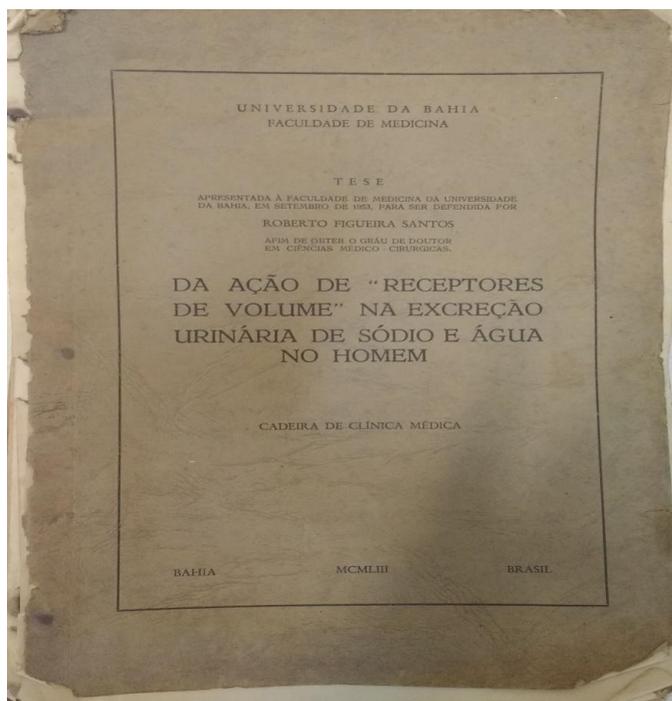
ANEXOS

ANEXO A: Roberto Figueira Santos.



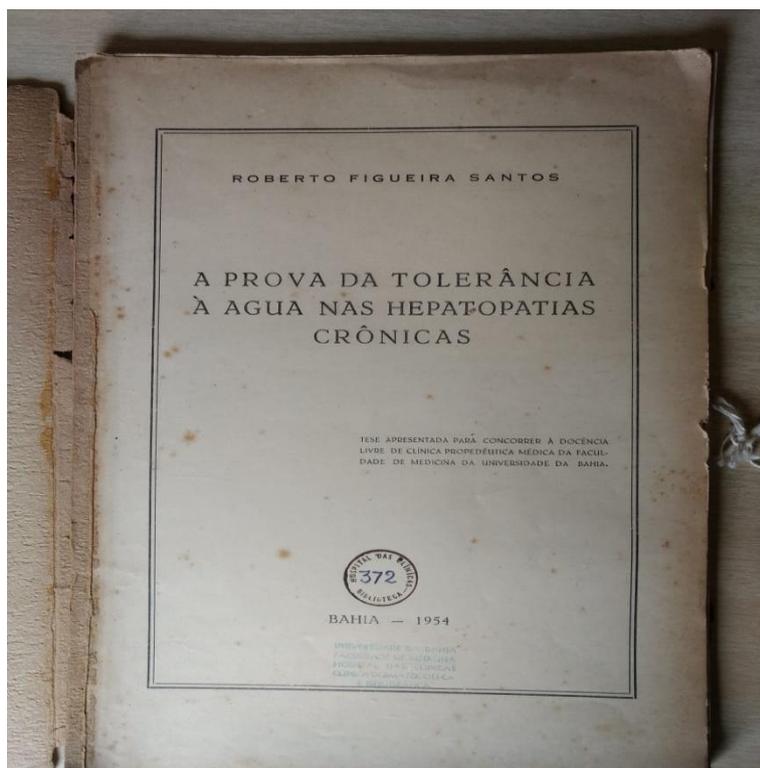
Fonte: <https://www.ufba.br/roberto-santos>

ANEXO B: Tese de doutoramento.



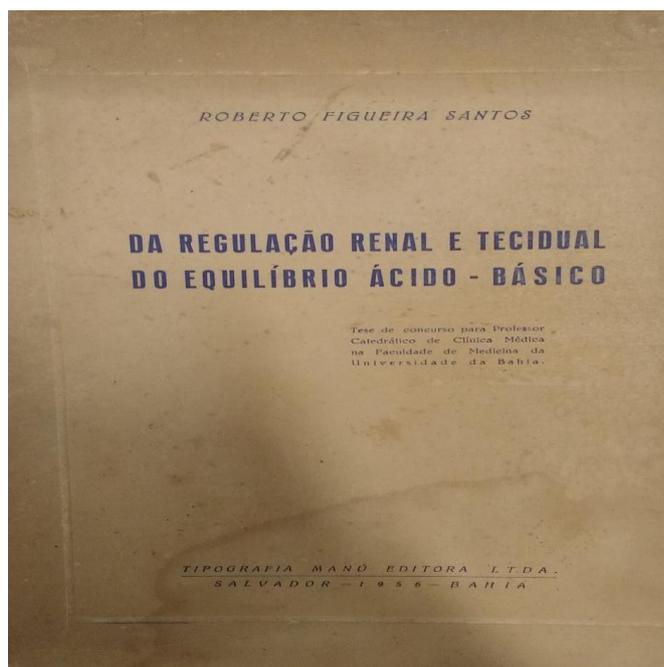
Fonte: Acervo da Bibliotheca Gonçalo Moniz- Faculdade de Medicina da Bahia.

ANEXO C: Tese concurso.



Fonte: Acervo da Bibliotheca Gonçalo Moniz- Faculdade de Medicina da Bahia.

ANEXO D: Tese concurso para professor catedrático.



Fonte: Acervo da Bibliotheca Gonçalo Moniz- Faculdade de Medicina da Bahia

ANEXO E: primeira e segunda parte da tese professor catedrático.

I N D I C E	
I P A R T E	
DA REGULAÇÃO RENAL DO EQUILIBRIO ACIDO-BÁSICO	
Revisão da literatura:	
Da excreção de ácido titulável	1
Da excreção de bicarbonato	25
Da excreção de potássio	45
Da excreção de amônia	61
Contribuição pessoal:	
Introdução	75
Material e métodos	77
Resultados	79
Discussão	85
Conclusão	95
I I P A R T E	
DA REGULAÇÃO TECIDUAL DO EQUILIBRIO ACIDO-BÁSICO	
Revisão da literatura	97
Contribuição pessoal:	
Introdução	131
Material e métodos	133
Resultados	139
Discussão	147
Conclusão	159
BIBLIOGRAFIA	161

Fonte: Acervo da Bibliotheca Gonçalo Moniz- Faculdade de Medicina da Bahia.